

Os Maias previram um cataclismo nesta data.
Estaremos perante o fim do mundo?



2012

A Guerra das Almas

Whitley Strieber

Ficha Técnica

Título original: *2012: The War For Souls*

Título: 2012 A Guerra das Almas

Autor: Whitley Strieber

Design de capa: Ideias com Peso

Revisão: Eulália Pyrrait

ISBN: 9789722044448

LIVROS D'HOJE

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2007 by Whitley Strieber

© Publicações Dom Quixote, 2009

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.livrosdhoje.leya.com

www.leya.pt

Em memória de Robert Anton Wilson

Primeira Parte

Trevas sobre a Terra

A Alma que conosco se ergue, Estrela da nossa vida,

Consolidou-se noutra lugar E veio de longe;

Não num completo olvido, Nem em nudez total,

Mas no rasto de gloriosas nuvens viemos nós

De Deus, que é o nosso lar.

Ode sobre as Comunicações da Imortalidade

Evocadas da Primeira Infância

- William Wordsworth

«O sobrenatural não existe. Só o mundo natural existe, ao qual temos total acesso. As almas são parte da natureza.»

- O Mestre da Chave

Prólogo

21 de Novembro A lente negra

Das várias vezes que Martin Winters esteve na Pirâmide de Khufu, sentiu sempre o mesmo espanto e a mesma claustrofobia. O trabalho que ele aí desempenhava era revolucionar a arqueologia, o que se revelava

entusiasmante, mas esta viagem em particular, à pequena furna situada debaixo da estrutura, há já algum tempo que o inquietava.

A sua missão era obter amostras de pedra do interior das juntas das paredes, para que a nova técnica de datação de ruínas pudesse ser aplicada e resolver um mistério decisivo. Durante os três anos que passaram, o seu laboratório na Universidade do estado do Kansas, em Uria, datou doze locais na América do Sul, usando essa mesma técnica. Nos nove meses anteriores estiveram ocupados a trabalhar na Grande Pirâmide, mas os resultados mostraram-se tão inconsistentes que arqueólogos de todo o mundo, ansiando por rejeitar os achados que devastavam as suas próprias teorias sobre o passado, alardearam que a técnica não era eficaz.

O que descobriram foi que a pirâmide não tinha sido edificada apenas em alguns anos, mas que levava, pelo menos, quatro fases a ser construída, ao longo de milhares de anos, sendo que a fase inicial datava de há pelo menos seis mil anos. A Quarta Dinastia do faraó Khufu construíra de facto a secção onde fora encontrado o seu glifo, mas a pirâmide assentava numa base que havia sido lançada três mil anos antes do reinado de Khufu.

Agora, era altura de se dedicarem à furna debaixo da pirâmide, que se acreditava ser uma câmara funerária primeva. Era aqui que ele tencionava finalizar o seu estudo relativo ao planalto de Gizé, por se pensar que aquela tinha sido a primeira obra humana a surgir no local.

Martin tinha também desempenhado trabalhos noutra parte, um edifício muito antigo chamado Osireion, onde se praticavam rituais envolvendo Osíris, a deidade egípcia da ressurreição.

Os seus achados eram tão explosivos que ainda não os tinha tornado públicos. Não queria expor a sua técnica ao alarido da crítica, que haveria de surgir quando provasse que a pirâmide tinha sido construída há cerca de dezoito mil ou vinte mil anos. Procurou também datar a Esfinge, mas esta fora esculpida directamente num bloco sólido de rocha calcária, facto que o deixou sem nada que lhe pudesse servir de amostra. O que ele precisava era de pequenos fragmentos de rocha que se tivessem solto com o bater das ferramentas dos cabouqueiros e que em seguida tivessem sido comprimidos contra outra rocha e aí ficado, desde então intactos.

À sua frente, a passagem descendente esperava-o. O governo não permitia que o público descesse à furna, e por muito boas razões. Vários visitantes tinham sido levados dali para fora em pânico, e o ar era tão mau que a asfixia era sem dúvida motivo de preocupação. Lendas sobre o lugar sugeriam que a furna fora usada por alguns sacerdócios egípcios como câmara de iniciação onde, presumivelmente, as pessoas aprendiam a superar quaisquer medos que o lugar suscitasse.

«Pronto», disse, testando a sua lanterna. Depois novamente, «Pronto.» Ahmad Mahfouz pôs-se a gozar com ele. «Pronto.»

«Desce tu para ali, vá, seu palerma.»

Ahmad riu-se alto. «Os teus batimentos cardíacos estão a alarmar toda a gente.»

Ahmad não só era um dos melhores arqueólogos no Egipto, como também tinha uma mente excelente e bem orientada para a tecnologia, pelo que sabia ser pouco provável que a datação das ruínas saísse errada. Tratava-se, na verdade, do santo graal das técnicas de datação: podia dizer-nos a última vez que a pedra tinha sido trabalhada,

desde que não tivesse sido exposta ao ar, daí a necessidade de descer bem fundo em estruturas como esta e perfurar a junta das pedras para obter as amostras.

No Peru, onde os incas tinham preparado as suas pedras com a precisão de um joalheiro, fora fácil obtê-las. Na pirâmide e no Osireion, a perfuração cuidada implicara a orientação de uma sonda. E aqui também, pelo que trazia consigo o equipamento.

A passagem descendente era estreita, escura como breu, e a loucura assaltava as pessoas que a desciam.

«Confirmar rádio», disse, assim que se adiantou dez passos. «Ainda não é preciso isso, Martin. Estou já aqui.»

«Vais desculpar-me, Ahmad, mas digo-te, se eu sair daqui vivo, vais pagar por isso.»

«Esta coisa está aqui há milhares de anos - há muito mais tempo do que alguém podia pensar, segundo disseste. Porque é que haveria de escolher logo o dia de hoje para desmoronar?»

Sentindo-se um perfeito idiota, Martin continuou a descer. E logo o envolveu um silêncio diferente de tudo o que conhecia, e ele já tinha estado em alguns buracos no solo verdadeiramente silenciosos.

O que havia de diferente neste silêncio, pensou, era que o sentia agressivo. Como se o silêncio soubesse que ele estava ali e o esperasse, e o reclamasse, nesse preciso momento. *Como se soubesse.*

Mas, claro, era tudo fruto da sua imaginação. Não havia qualquer presença maligna ali - nem em lado nenhum, aliás. Nem fantasmas, nem deuses. Isto é apenas o que acontece quando se desce por um túnel estreito que se encontra sob seis milhões de toneladas de pedra.

Se há coisa que os antigos egípcios não foram, foi parvos. Estavam bem a par desse efeito, o que poderia explicar a

razão para a urna se encontrar aí. A sabedoria popular dizia tratar-se de um velho túmulo, o que não era totalmente evidente. Metade do espaço era uma invulgar plataforma construída de forma incompleta, com protuberâncias rochosas. Certamente que não estaria destinado a um sarcófago, e o resto do espaço era igualmente estranho, dominado por um corte diagonal no chão com cerca de dois metros de profundidade. Na verdade, era nas paredes desta urna que Martin esperava encontrar a alvenaria crucial para o seu sucesso.

Chegou à câmara. Encontrava-se agora dois metros e meio abaixo dos alicerces da pirâmide. O ar era denso, frio e húmido, invariavelmente. O seu detector de gases dizia-lhe que os níveis de dióxido de carbono estavam altos, pelo que, basicamente, estava a salvo. Trazia consigo uma máscara respiratória, para as emergências, com uma reserva de uma hora de oxigénio, o que era mais do que suficiente para lhe permitir sair dali caso esgotasse todo o ar existente daquele espaço exíguo. Ou, caso sucedesse o pior, para demorar mais a sufocar.

«Cheguei», disse pelo rádio.

Houve um silêncio. Um silêncio longo.

«Mahmoud!»

«Oh, desculpe, efêndi[1]. Estava aqui a tomar o meu chá ocioso.»

«E eu para aqui a morrer de medo, meu!»

«Pois, eu sei, por isso é que estava a tentar animar-te.»

Ele era um tipo bestial e um cientista extraordinário, mas havia um abismo cultural entre um muçulmano que se vira crescer em território ainda pertencente à Turquia e os ingleses com que agora tinha de levar. «Lembra-te de que sou americano», disse Martin. Não era a altura indicada para dizer piadas pelo rádio.

Inspirou fundo uma e outra vez. Depois abriu o saco do equipamento e tirou de lá o radar, cuja sonda podia penetrar na rocha calcária até uma profundidade de três metros e obter imagens detalhadas do conteúdo. Por outras palavras, podia localizar as juntas da obra de alvenaria.

O seu plano era fazer entrar a pequena broca a cerca de um oitavo de centímetro de distância de uma junta, e depois obter pedra directamente da junta em si.

Martin não apontou a lanterna em redor. Sabia o que lá havia, e não queria ver quão próximas estavam as paredes. Porém, o tecto tinha três metros, pelo que já não precisava de se curvar como quando na passagem.

Problemas de costas eram a cruz dos arqueólogos. Não era possível trabalharem sem terem de se curvar ou dobrar e, a maior parte das vezes, durante horas e em espaços exíguos, e quanto mais velhos se tornavam, mais cientes disso ficavam. Aos trinta e quatro anos, ele não se ressentia, devido à natação, ao *squash*, ao ténis e... bem, à Lindy. Além disso, tinha dois filhos em casa que o forçavam a mexer-se. Tinha também uma esposa que andava a esforçar-se para arranjar um dos trabalhos mais extraordinários do mundo. Desde 2010, quando a NASA anunciou que alguns óvnis eram naves deveras conduzidas por uma inteligência extraterrestre, que o Seminário Internacional de Física de Propulsão Avançada trabalhava horas extraordinárias para tentar compreender como funcionavam.

Lindy tinha-se envolvido profundamente nos assuntos da ciência, exactamente porque era de sua vontade estar presente nesse seminário.

Mas Martin não fazia ideia de como é que uma professora de uma universidade nada destacada nos jornais dos Estados Unidos, ao ponto de vir em notícia de rodapé, tinha

conseguido. Porém, algo a guiara, obcecada que estava em levar-nos para fora do planeta de uma forma bem melhor.

Quanto a si, Martin trabalhava profundamente na fundação arqueológica, razão pela qual a revolução pessoal que criara estava a ser tão contestada. Mas, na verdade, os números eram claros: a história da humanidade tinha de ser revista, pelo simples facto de todas as estruturas antigas mais misteriosas até então testadas serem bem mais antigas do que se supunha.

Pôde observar, por fim, o radar a dar sinal, pelo que o pequeno ecrã começou a devolver imagens consideráveis. «Recebi imagens», disse através do rádio.

«Boa. Quanto a tempo, estás à vontade.»

O Departamento Imperial das Antiguidades tinha-lhes dado duas horas, das três às cinco da manhã. Não quiseram exercer a actividade nessa área da pirâmide durante o tempo em que estava aberta aos turistas, pois era inevitável que alguém comprasse bilhete para aceder ao local, o que significaria um grande problema para o pobre arqueólogo que ali tentava trabalhar; já para não dizer perigoso, devido aos nativos que ali iam com as suas dádivas, para entoar cânticos ou fazer sabe-se lá o quê.

Deu uma olhadela ao relógio. Eram três e meia certas. Demoraria uma hora até que a broca penetrasse, depois mais uns quinze minutos para obter a amostra e retirá-la. Não estava à vontade quanto ao tempo, estava bastante à vontade.

Só uns olhos experientes podiam entender a leitura que o pequeno ecrã do digitalizador apresentava. Ele fazia por se manter no exíguo espaço da fuma, tentando evitar o buraco de seis metros de profundidade que tinha sido escavado no século XIX por Cavaglia e, depois dele, pelo explorador inglês - ou talvez saqueador - Howard-Vyse. O sinal verde

tremeluzia, ora alumando mais quando a pedra era mais densa, ora diminuindo quando a densidade era menor.

Então topou com o que procurava - uma linha recta escura. Era sem dúvida uma junta. Só de olhar para a superfície da parede, não o poderia dizer. Durante anos supôs-se que tinha sido esculpida directamente na rocha calcária virgem. Enquanto as imagens de radar de alto nível não vieram revelar que ali em baixo havia paredes estruturadas e lavradas, não foi possível saber-se que o paramento dessa furna em particular era de pedras de cantaria.

«A começar a perfuração.»

«Recebido.»

Alcançou a broca longa e fina e introduziu-a no aparelho em si. A broca custava trinta mil dólares, sendo que a ponta era em diamante e o resto feito com o aço mais duro que existe, de uma dureza estimada de 920 *Knoop*. Tinha um diâmetro equivalente a três alfinetes apenas, pelo que o aço tinha de ser suficientemente duro para poder penetrar.

Enquanto trabalhava com o instrumento, questionava-se como é que os egípcios tornavam ocos os vasos de diorito com brocas que não deviam ser muito mais grossas do que a dele, a qual, por sua vez, não haveria de resistir ao diorito. Na verdade, o granito que perfurava desafiava-a já, pelo que parou para a deixar arrefecer. Ainda que tivesse trazido três brocas, era certo que não desejava desperdiçar dinheiro usando-as. Tinha planos de empreender escavações pelo mundo inteiro. Lindy podia estar a tratar de nos levar até às estrelas, mas ele revia a história, o que também era importante.

Foi então que Martin se deu conta de uma vibração. A sensação começou a subir-lhe pelos pés acima.

«Ahmad?»

«Diz.»

«Passa-se... alguma coisa. Sinto uma vibração.»

«A broca emitiu algum harmónico?»

«Possivelmente, mas agora está desligada.»

Entretanto a vibração tornou-se numa pulsação rápida, regular, como a de uma máquina. Se não o soubesse impossível, teria dito que um compressor qualquer se tinha ligado algures debaixo da câmara onde se encontrava.

Era provável que o que estava a sentir se tratasse de alguma fábrica no Cairo, cujos motores tivessem sido ligados para mais um dia. Toda a estrutura de rocha calcária poderia ser posta a vibrar devido a algo assim.

«Já percebi, são sons urbanos, de uma fábrica qualquer.»

«Há uma nova instalação fabril de máquinas eléctricas a um quilómetro daqui.»

«Deve ser isso, então.» Vibrações, uma nova variedade de poluição. Previu que isto ainda viria a dar problemas à administração arqueológica. Voltou ao trabalho.

Agora que a broca tinha arrefecido, fez melhores progressos encostando-a apenas à superfície, em vez de fazer pressão. E, também, quanto mais fundo penetrava, mais macia era a pedra. Trabalhava já há algum tempo quando se apercebeu de que estava a cair pó. Parou a broca uma vez mais. Apontou a lanterna em redor, à procura da origem do pó, que se verificou ser o tecto.

Ficou atónito por ver que o tecto da câmara, perfeitamente acabado, cuspiam pequenos fios de pó, como se estivesse a ser comprimido ou forçado na parte de cima.

«Ahmad?»

«Sim.»

«Algo se passa com o tecto.»

«É curioso, vi um chacal. Pensava que, por esta altura, o Cairo já se tinha livrado deles todos.»

Voltou ao trabalho. Martin encontrava-se apenas a uns quantos milímetros de conseguir a sua amostra – a broca labutava –, e pronto! Agora era retirá-la e introduzir a ferramenta para recolher amostras, uma pequena unha feita do mesmo aço resistente.

Tirou a ferramenta prateada do seu estojo e ligou-a ao gerador *zinc-air*, a que recorria para obter energia, e, em seguida, inseriu-a no buraco estreito que a broca fizera. Ou, pelo menos, tentou. É que as pulsações tornavam aquilo mais difícil do que enfiar uma linha numa agulha.

«Mas será que aquela oficina de construção mecânica não fecha?»

«Sai daí, Martin.»

«Porquê?»

«Porque também comecei a senti-las aqui, o que não devia acontecer.»

Bocados de pedra começavam agora a cair do tecto, e ele sabia que tal ocorrência não era comum. A razão porque o sabia devia-se ao facto de o chão se encontrar limpo e o espaço intacto. Portanto, era novidade, pelo que Ahmad tinha razão, precisava de sair dali imediatamente.

Porém, Martin estava a milímetros de terminar. Olhava para o ecrã agora vibrante, enquanto manuseava o instrumento.

«Martin, estás a vir?»

«Espera.»

«Estás a sair daí? Que estás a fazer?»

Martin não respondeu. A pulsação aumentou, *tum... tum... tum...* Ele debatia-se, tentando obter apenas o pequeno pedaço de pedra de que precisava.

Deu-se um estrondo, e um pedaço de tecto que devia pesar um quarto de uma tonelada passou ao seu lado, indo cair no buraco do Cavaglia.

«A polícia está aqui, e diz para saíres.»

«Estou a ir.»

Mas ainda não tinha sequer arrumado o instrumento. Olhava para o ecrã, manuseando-o agora freneticamente. O peso acima dele pressionava-o como uma mão enorme e sufocante.

Ao pensar na Lindy, no Trevor e na Winnie, largou o instrumento. Outro bloco de pedra caiu, e ele soube que era o fim. Começou a reunir o equipamento.

Tum! Tum! Tum!

Isto não era um tremor de terra, pois nenhum tremor de terra se fazia sentir assim. Tinha de haver alguma máquina ali em baixo.

Uma série de sons semelhantes a disparos ecoaram pela passagem abaixo. Entre a poeira, a sua lanterna revelava rachas enormes a surgirem ao longo das paredes.

Um choque de terror gélido atravessou-o e ele precipitou-se para a passagem, corcovado, meio a correr, meio a arrastar-se, escalavrando as mãos e os joelhos, movendo-se depressa à medida que todo o túnel se contorcia e agitava como um tubo de borracha nas mãos de um gigante desvairado.

Subia agora rapidamente, a gritar. O chão abria fendas debaixo dos seus pés, e choviam pedras à sua volta, retardando o seu progresso. As pulsações faziam-se agora sentir de uma forma enorme, notável, em acessos tremendos vindos do próprio solo.

E depois houve braços, pessoas a puxarem-no, e ele saía então dali, estava livre – fora já da pirâmide. Tossia e tinha os olhos cobertos de uma densa camada de pó. Titubeante, tentava recompor-se.

Mas o que é que se passou ali?

«Corre, Martin!»

Sentiu alguém puxá-lo com força. Tentou limpar os olhos o suficiente para poder ver, virou-se e observou a coisa mais estranha que já alguma vez vira na sua vida.

Ao olhar para cima, para o lado da gigantesca estrutura virada a norte, deparou com uma ondulação enorme. Era como se os próprios blocos de pedra se estivessem a liquefazer e ameaçassem derramar-se sobre eles como uma espécie de inundação bizarra.

Demasiado chocado para poder proferi-las, engolia as palavras: «A pirâmide está a desmoronar-se.»

Sirenes davam início à sua lamúria, uma a seguir à outra, até terem preenchido o ar. Na distância, uma linha de autocarros de excursão, a caminho do programa Pirâmides de Madrugada, começavam a fazer tentativas desajeitadas de inversão de marcha, na estrada.

Martin seguiu Ahmad e mais três polícias, correndo na direcção da parede que controlava o acesso à zona arqueológica. Atrás deles ouviu-se um som ruidoso. Era um uivo proveniente da própria garganta do mundo, um grito semelhante a um jacto a ser expelido, semelhante a um milhão de loucos a serem queimados vivos.

Martin virou-se e viu que a pirâmide começava a formar um bojo, como se fosse tornar-se um bloco imenso, e a forma piramidal desaparecia à medida que as pedras milenares irrompiam da sua base e voavam pela doce madrugada fora.

Toda a gente no Cairo, e de alto a baixo do Nilo, olhou para Gizé, na direcção do som. Aquilo que viam era-lhes irreconhecível e completamente incompreensível, uma grande coluna negra irrompendo para o céu, em cujas paredes tremeluziam pontos castanho-amarelados.

Cada um destes pontos era uma pedra que pesava entre uma e três toneladas, e cada uma tinha o tamanho de um

automóvel grande, e todas estavam prestes a cair sobre os milhões de pessoas desamparadas que viviam na cidade do Cairo.

Martin apercebeu-se logo disso. Pensou, nessa altura, que terroristas tivessem detonado uma bomba atômica debaixo da pirâmide. Era uma grande desgraça estar lá dentro no momento em que a estrutura milenar – a construção mais importante à face da Terra – chegava ao fim.

No topo das pedras, no seu apogeu da pirâmide, a uma altitude de mais de três mil metros, Martin deitou-se junto à parede. Não era um homem religioso, pelo que se surpreendeu com a profunda sensação de paz que o invadiu. O seu tempo também chegava ao fim. Era quase certo.

Mas, então, um paroxismo de medo fê-lo agarrar-se à cabeça, fê-lo gritar contra o rugido, contínuo e expansivo, da vasta e prolongada explosão.

Depois, parou. Trouxe perante si uma imagem de Lindy, a mulher mais bela que alguma vez vira, um dos seres humanos mais sábios que alguma vez conhecera. Decidiu que morreria assim, com ela preenchendo-lhe a mente.

E então ouviu a voz de Trevor, tão nítida como se ali estivesse: «Quando é que o pai vem para casa?» E a resposta de Winnie, com um carinho empertigado, «Trevor, és tão impaciente. O pai vem para casa quando estiver despachado.»

Parecia a coisa mais natural do mundo conseguir ouvi-los, e então o grande relógio no *hall* bateu as horas, oito profundas badaladas.

Um som sibilante que se fizera grito transformou-se num ruído rouco, e uma pedra foi despenhar-se no deserto, a dez metros do lugar onde Martin estava deitado. O solo rebentou e ele susteve a respiração. Viu Ahmad com os

olhos vidrados de estupefacção, os lábios arreganhados, olhando para ele directamente.

Outro bloco embateu, depois outro, depois já choviam pedras e ouviam-se gritos e, acima destes, o som metálico das pedras a esmagarem autocarros e carros, e o estrondo distante das que acertavam no Nilo, e explosões, ao bombardearem o Cairo. Uma fila de casas a quatrocentos metros de distância desfez-se em pó; a estrada estava destroçada, os carros seguiam deserto dentro, ziguezagueando desvairadamente; um autocarro que fugia ao cenário foi atingido na traseira, pelo que se empinou como que a implorar salvação, explodindo em seguida até ficar em chamas, entre os estilhaços de gritos desolados.

E assim continuou, ao que pareceu, durante horas, e dias, e então foi como se ingressasse numa espécie de eternidade, numa explosão sem fim. Do céu, caía sempre uma outra pedra. Sempre um outro coro de gritos, sempre um outro abalo que fazia espalhar cadáveres.

Até que já nada era verdade. O que ele ouvia agora era um silêncio ainda maior do que aquele que o oprimira na fumaça. Por um lado, devido ao seu tímpano esquerdo ter ensurdecido, e ao zumbido no ouvido direito, que permaneceria durante dias. Por outro, devido ao choque de ter avistado o que lhe pareceu um penhasco, no local onde Ahmad havia estado, mesmo a alguns metros do seu rosto. Além disso, um dos polícias estava deitado de costas, fixando o céu com os olhos cegos. Morto devido ao choque. Um turista alemão vagueava por ali a apregoar, «Morgen hat gebrochen, morgen hat gebrochen.»^[2]

A manhã tinha raiado. E, qual relâmpago despontando a leste, o Sol nascia por detrás do lendário planalto de Gizé, envolto agora em fumo e obstruído por fragmentos de pedra.

Martin pôs-se de pé. Estava alojado na *Mena House*, que ficava do outro lado das pirâmides, pelo que seguiu nessa direcção. Reparou que titubeava, mas tanto fazia, pois os restantes fantasmas do planalto arruinado também.

Contrastando com o planalto, os jardins da *Mena House* ainda se encontravam verdejantes. Meia dúzia de blocos enormes estavam embutidos no campo de golfe, como se desde sempre lá estivessem estado.

O hotel em si estava intacto. Os empregados e os hóspedes, lá fora, olhavam para cima, para a grande coluna negra suspensa no ar, que deslizava lentamente para sul, ao sabor dos ventos predominantes da época. As bandeiras reais inglesa e egípcia esvoaçavam em majestoso esplendor, indemnes como o hotel.

O Egipto em Novembro podia ser tão encantador que até o Cairo desfrutava de alguns dias cristalinos.

Martin atravessou o vestíbulo superior e entrou no salão Khan el Khalili. Encontrou aí um empregado, espedado a uma janela. «Gostaria de tomar uma chávena de café», disse Martin. O empregado não se mexeu. Depois sim, voltou-se. Corriam-lhe lágrimas dos olhos. Martin apercebeu-se de que ele próprio também chorava. Abraçaram-se, e os dois homens choraram juntos como crianças.

«Perdi o meu amigo», disse Martin.

«Eu perdi o meu Egipto. Agora o nosso coração ficou despedaçado, senhor.»

Mais tarde, nesse mesmo dia, Martin subiu ao telhado do hotel, para ver por si próprio aquilo de que todos falavam. Ninguém combatia os fogos, nem limpava a cidade bombardeada, nem olhava, com impotência, para as grandes pedras que a tinham devastado.

O planalto estava diante dele, e no lugar onde antes estivera uma pirâmide, havia um novo objecto. Era de tarde, agora, e o pó suavizava a luz.

Olhou com espanto para o espaço entre o hotel e o conjunto de pirâmides. Ali e acolá podiam ver-se figuras movendo-se perto delas. A maioria pertencia à Polícia Real Egípcia, com os seus uniformes verdes. Os outros eram soldados ingleses, nos seus uniformes cor de caqui. Um Rolls Royce resplandecente estava estacionado na estrada em frente da *Mena House*, e era possível avistar o governador-geral a andar, a passos largos, por entre os enormes blocos, seguido por uma chusma de oficiais.

Martin olhou demoradamente para aquela lente. Parecia perfeitamente redonda e convexa, atingindo quase os seis metros e meio no centro. Examinou intensivamente a memória, tentando encontrar na enciclopédia da mente um ponto de referência.

Não havia nada. O passado não possuía qualquer registo disto. Mas não pensou naquilo como um acidente debaixo da Grande Pirâmide. Era óbvio que não se tratava de um acidente.

Teria a pirâmide sido construída para bloquear aquilo, ou talvez para o ocultar?

Mistérios. Mas o maior de todos era ainda para que servia. Era claramente um produto de uma tecnologia avançada - e ao mesmo tempo muito antiga. Há milhares de anos que o planalto de Gizé não tinha sofrido distúrbios. De certeza que uma coisa daquele tamanho não fora ali enterrada antes da construção das pirâmides.

Era antiga, tinha de ser, mas a sua construção implicava mais do que um desafio estrutural. A energia necessária para fazer explodir todas aquelas pedras em direcção ao céu devia ser enorme. E, no entanto, em todos os anos em

que o solo abaixo do conjunto de pirâmides era explorado através de túneis e poços, e examinado com detectores de objectos e radares, não se obtivera nenhum sinal da lente, nem de nenhuma espécie de explosivo.

Na verdade, pouca coisa fora encontrada. Na década de 50 foram encontrados os chamados «barcos solares», enterrados em furnas próprias na parte sul da Grande Pirâmide. Mais nada - umas poucas áreas obscurecidas, que sugeriam grutas, mas era tudo.

Meu Deus, que coisa! Reluzente. De ar funesto.

O ar estava repleto das lamúrias das sirenes. Martin via o Império Britânico como algo decrépito e demasiado extenso, mas o Serviço de Emergências do Cairo estava certamente bem abastecido de veículos. Se bem que, quanto aos hospitais, tivesse dúvidas. Já teriam alargado o Sistema Nacional de Saúde aos protectorados, assim como a todas as colónias? Não estava a par, mas, se não tivessem, então os hospitais aqui existentes eram bem capazes de ser primitivos, pelo que tinha tido muita sorte em não ter ficado ferido.

Até o zumbido dos ouvidos lhe tinha parado.

Desviou o olhar. Não queria - ou não conseguia - continuar a olhar para aquele olho negro aberto, ali no lugar da grande maravilha. Pirâmide eterna, edificada para todas as eras.

E quanto tempo para destruir? Não mais do que cinco minutos. Voltou ao ponto em que hesitara, lá em baixo. Isto só podia ser um pesadelo. Não estava acordado.

Mas estava.

Voltou-se e lá se erguia aquilo. Nada a chamar-lhe senão lente. Enorme, brilhando negra e ameaçadora para o céu, para onde tinha cuspidado a pirâmide.

Mesmo sendo tão antiga como era, parecia perfeita, fresca e nova, saída da terra como o olho de um demónio, aberto após um sono de longas eras.

E era exactamente isso que tinha acontecido.

1

22 de Novembro Dançar no escuro

O general Alfred William North entrou no apartamento de luxo do seu oficial superior, no Pentágono. O ano passado, o general Samson tinha sido nomeado presidente dos chefes-adjuntos do estado-maior, e tinha levado Al consigo para o mundo estratosférico da política militar de alto nível.

O oficial de dia do general Samson não estava presente para o apresentar. Dado o actual estado caótico dentro do exército, não era de admirar. Devia estar num pequeno destacamento no interior do grande edifício, e ninguém estava disponível para comunicar a sua presença ali.

Esperavam-nos na Casa Branca dentro de dez minutos, por isso Al não esteve com cerimónias. Bateu uma vez e entrou no escritório. Al conhecera Tom Samson quando este fora promovido a chefe do estado-maior da força aérea. Poderia ser considerado um oficial eficiente e charmoso, nessa altura.

Porém, agora que era presidente dos chefes-adjuntos, sendo que Al ainda era o vice-presidente, as coisas tinham mudado. Tom era uma pessoa fria, agreste, e que berrava muito, não tolerava falhas, e era muito exigente. Al ainda o via como um bom oficial, mas o seu desempenho no cargo era rígido de mais. Verdade seja dita, Al tinha alimentado a esperança de vir a ser promovido. Tinha, aliás, contado com

isso. Mas calhara-lhe antes uma séria humilhação e um triste ponto final na possibilidade de uma grande carreira. Al conhecia o presidente há anos e, honestamente, não conseguia perceber por que razão preferia Tom, visto que ele tinha sido excelente.

A diferença entre eles era que Tom tinha servido nos caças, e Al, embora tivesse lá treinado, fez toda a sua carreira como oficial do estado-maior. Tom recebeu uma condecoração por ter sido ferido em batalha e uma medalha da força aérea. Será que Al, que nunca tinha ouvido um tiro a ser disparado com raiva, invejava a participação de Tom nos problemas com Cuba?

A resposta é curta: claro que sim. Se tivesse sido ele, a sua carreira não teria ficado a meio.

«Já cheguei, Tom», disse ele, a ver se obtinha resposta.

Silêncio.

A porta da casa de banho estava entreaberta, pelo que Al se dirigiu para lá. «Tom?», repetiu.

Ouvia um arrastar vindo do interior da casa de banho. «Sim», respondeu Tom, com raiva.

«Tom, desculpa, o Lenny não estava...»

«Fora daqui!»

«Desculpa!» Ao dirigir-se para a porta, Al reparou, aberta sobre a secretária de Tom, numa caixa prateada do tamanho de uma cigareira fora de moda. Dentro tinha seis cilindros estreitos e dourados. Ao lado destes estava uma seringa hipodérmica, prateada, que da extremidade larga com um orifício onde obviamente se encaixavam os cilindros adelgaçava muito, até à agulha de ponta tão fina que mais parecia um fio de cabelo.

Al apressou-se a sair, com o cérebro a mil à hora. Aquilo - será que Tom era uma espécie de dependente? Uma vítima de cancro? Que estranho equipamento.

No momento seguinte, Tom bateu com a porta do escritório com tanta força que o quarto inteiro estremeceu.

Al nem se deu conta. Se Tom fosse dependente, muito francamente, isso podia ser bom. Valia a pena saber.

Lenny reapareceu. «General, deixe-me comunicar que está aqui», disse ele.

«Ele sabe que estou aqui.»

Lenny empalideceu. «Sabe?»

Al acenou que sim. Nada mais foi dito e, um momento depois, Tom saiu em passos longos e firmes, resplandecendo no uniforme, de olhos cinzentos olhando em frente e rosto inexpressivo.

Lenny pôs-se em sentido.

«Precisamos de falar», rosnou-lhe Tom, ao passar pela secretária. «Sim, senhor!»

«Podes crer que sim, rapaz.» E saiu, com passos pesados.

Al seguiu-o, e os dois desceram juntos no elevador privado de Tom até à garagem na cave, onde o carro os aguardava com a porta traseira aberta. Tudo isto em silêncio. Na verdade, só se falava com Tom se ele falasse primeiro. Não era receptivo a conversas sociais, piadas, mexericos ou algo de parecido. O que de facto era mais admirável nele era que detinha, de todas, a nomeação militar mais política. Como é que o sacana a conseguira, todos os generais do estado-maior adorariam saber - ao menos ajudaria a arranjar uma forma de o lesar.

Historicamente, os chefes-adjuntos eram uma organização sólida e de funcionamento moderado. Mas sob o comando de Tom, não. Este tornara-a num ninho de ratos cheio de teias de aranha. Homens que tinham trabalhado juntos durante anos, lutavam como animais apanhados numa armadilha.

No ano em que Tom chegou, houve cinco exonerações. Todas, na verdade, explosivas, brutais, mal-intencionadas, e muitas vezes misteriosas. Pior: foram seguidas de nomeações inferiores e vingativas a postos destinados a humilhar as vítimas. O general Harry tinha sido chefe de exército do estado-maior, e estava agora a servir como comandante do Forte Silker, no Mississípi. O Forte Silker estava para fechar, pelo que a tarefa de Harry era, basicamente, fazer os preparativos para a limpeza da área e a venda de bens.

Al meteu-se no carro. Sabia que esta reunião era importante, mas não sabia ao certo do que se tratava. Supunha que Tom soubesse, mas ele não o revelaria. Talvez Al estivesse na lista negra. Talvez estivesse para ser apanhado desprevenido e colocado perante o presidente, como que uma espécie de prelúdio para a destruição.

Mas Al conhecia o presidente James Hannah Wade desde que tinham sido colegas de quarto no Colégio Militar. De há uns anos para cá, a amizade deles tinha-se necessariamente distanciado, mas ainda eram suficientemente chegados para que, ocasionalmente, Jimmy convidasse Al para ir bater umas bolas de *squash* com ele. Isto era costume acontecer quando a muito difícil presidência se tornava verdadeiramente conturbada. Agora não era o caso, pelo que não havia tempo para jogos de *squash* com o velho amigo, com o amigo traído, como ambos sabiam.

O carro virou a 14th Street, passou perto do familiar M verde-esmeralda de um *MacDonald's* e depois entrou nos jardins da Casa Branca.

«O que vamos ouvir hoje», disse Tom, «é confidencial.»

«Qual é o tema geral, senhor?»

Tom virou-se para ele, depois tornou a voltar-se. Após um momento, o carro parou, e encontravam-se já no interior da Casa Branca, seguindo na direcção do *Cabinet Room* – mas depois passaram por essa mesma sala e pelo *Oval Office*^[3], atravessaram o escritório de Morrissey, o subchefe do estado-maior, e seguiram até ao gabinete de trabalho presidencial.

Era um sítio impróprio para uma grande reunião – mas não era uma grande reunião.

«Olá, Al», cumprimentou o presidente. Al sentiu que Tom assumia uma postura rígida.

Era um bom sinal. Talvez o presidente finalmente se tivesse apercebido de que a nomeação de Tom era um erro, tal como Al lhe tinha dito – praticamente o único pensamento político que partilhara com ele. Voltou-se para Tom. «Bom dia, general.»

«Bom dia, senhor presidente.»

Pouco depois, o chefe dos Serviços Secretos Nacionais, Bo Waldo, entrou, seguido de dois auxiliares, que se puseram de volta de um televisor.

Waldo disse: «Ontem deu-se uma explosão massiva no Cairo, que resultou, pelo menos, em cem mil mortos e danos materiais elevados a uma escala extraordinária. A explosão destruiu a Pirâmide de Quéops.»

«E?», perguntou Tom, bruscamente.

O presidente lançou-lhe um olhar cortante.

Mas a sua impaciência era compreensível. O desastre no Cairo estava em todos os noticiários do mundo. Não se via mais nada na televisão, na rádio, na *Internet* – onde quer que fosse. Al pensou: «Eles sabem qual o grupo terrorista responsável, e estão prestes a informar-nos que os ingleses vão avançar em força.» O que lhes ia ser pedido era que providenciassem alguma espécie de apoio, sem dúvida. E o

problema deste tipo de coisas era sempre o mesmo: como fazer o que um império queria sem que se aborrecesse um outro?

Waldo limpou a garganta. «Há meia hora que não surge outro objecto daqueles, senhor presidente», disse.

Al sentiu-se confuso. *Outro objecto?* Que estava ele a dizer? «Quantos são, por esta altura?»

«Contando com o de Angkor Vat^[4], já são catorze.»

Al queria perguntar de que raio falavam eles, mas, a menos que revelasse a sua ignorância, não era possível. O olhar de Tom mostrava que pensava exactamente o mesmo. Os chefes-adjuntos controlavam nada menos do que cinco serviços secretos, além da Agência Colonial das Filipinas e do Corpo de Serviços Secretos Cubanos; portanto, como é que o seu próprio pessoal não lhes dera informações? Tom havia de ter querido isso investigado, e Al desta vez concordaria prontamente. Era um lapso imperdoável.

O presidente disse: «E são todos... são iguais? A que distância estão?»

«Cada um encontra-se exactamente a cem quilómetros do Pólo Norte. Apareceram todos no meio de ruínas antigas. O Instituto Indo-Chinês da Cultura já iniciou os testes no do Camboja. Até agora, revela uma dureza *Brinell* de, pelo menos, três mil, tal como o do Cairo. A matéria de que são feitos é claramente a mesma, e de longe das mais duras da Terra. A única coisa que poderia afectar estes objectos seria uma bomba de hidrogénio.»

«Temos alguma?»

«Temos», disse Tom. «Está bem escondida do oficial de inspecções da Real Força Aérea, mas temos.» Os ingleses eram apologistas acérrimos do Pacto Antinuclear entre os cinco impérios, dos quais os Estados Unidos eram os que tinham um armamento mais pequeno e leve - e, no entanto,

o único ao qual se impunha verdadeiramente que obedecesse ao raio do Pacto. De certeza que aos franceses não lhes era imposto. E quem sabe o que é que o czar, ou o sigiloso imperador japonês, engendravam nos seus covis ocultos? Até podia haver um senhor da guerra chinês, com uma arma nuclear qualquer.

O presidente aproximou-se da janela. «Tenho andado preocupado com a possibilidade de algum desses objectos poder aparecer aqui em Washington. Será razoável?»

«A menos que haja outra fase», respondeu Waldo, «a coisa parece ter terminado. E é claro que está a par da estranheza da situação - cada uma das localizações é um local sagrado.»

«Então, eles sabiam», disse o presidente, virando-se de repente e olhando ora para um, ora para o outro.

Al viu o apelo nos seus olhos, como se o povo americano estivesse ali, suplicando, através dele, por informações.

«Lentes», disse Al. Tom lançou-lhe um olhar cortante, mas ele prosseguiu. «As lentes reflectem e refractam. Mas faz-se porventura ideia se é para isso que estas servem?»

Waldo disse que não com a cabeça. «Até agora, não. Estão ali. Segundo os serviços secretos do exército, a do Cairo não está a emitir nem a absorver nenhuma energia conhecida. O Instituto diz o mesmo quanto à do Camboja.»

«Sabe-se se são naturais?»

«Nós achamos que não são naturais, senhor presidente», respondeu Waldo.

«Mas é uma boa pergunta», disse Al. «Se são obra humana, quem as construiu e para quê?»

«É uma questão premente», enfatizou o presidente Wade. «Possivelmente a questão mais premente de toda a história do mundo.» O seu olhar saltava de um para o outro. «Não pareces impressionado, Tom.»

«Senhor, se não sabemos nada sobre elas, como podemos fazer esse tipo de avaliação?»

O presidente ficou tenso. «Por instinto, caramba!»

«Há mais uma coisa que precisam de ver», disse Waldo num ápice. «Passa as imagens, por favor.»

O ecrã do televisor tremeluziu e acendeu-se. Al viu pessoas a caminharem numa região rural bastante bonita. Estavam vestidas de forma estranha, algumas em pijama, outras em roupa interior, uma ou duas de casaco, e uma outra completamente nua. Havia homens, mulheres e crianças.

O grupo estava a ser seguido por carros da polícia com um padrão axadrezado, verdes e brancos, e com as sirenes azuis intermitentes. «Que se passa ali?», perguntou o presidente.

«Isto é em Gloucestershire», informou Waldo.

«Quando é que foi filmado?»

«É em directo», respondeu Waldo. «Durante a noite, estas pessoas foram atingidas por uma luz brilhante que emanava de uns objectos que as sobrevoavam, cuja estrutura tinha a forma de disco. Desde então que caminham para norte. Fizeram vinte e dois quilómetros em onze horas.»

«E essas coisas estarão relacionadas com os discos que observamos há anos, aqueles que a NASA diz serem controlados por uma inteligência qualquer?»

«Não sabemos. Na verdade, não sabemos grande coisa acerca do que quer que seja.»

«Então, resumindo, não se pode parar essas pessoas, estou certo?», perguntou Tom, cheio de sarcasmo.

«Não podemos impedi-las, general Samson», respondeu Waldo. «Elas só poderão ser demovidas se as drogarmos. Um exame a uma delas, levado a cabo num hospital daquela área, revelou um espécime fisicamente normal.»

Mas um exame ao cérebro revelou outra coisa. O funcionamento do cérebro estava a cerca de um terço do normal.»

«Perderam algo, então», disse Tom. «A inteligência?»

«Não sabemos», respondeu Waldo.

«Existem algumas imagens do acontecimento?», perguntou o presidente.

«Testemunhas disseram tratar-se de discos de um brilho laranja-baço.»

Al lembrou-se: «Em que lugar se encontra a lente que está mais próxima de Gloucestershire?»

«Que relevância é que isso tem?», perguntou Tom. «Se me permite o atrevimento, general?»

«Não, é uma boa pergunta», respondeu Waldo, «e a lente mais próxima é a de Tassili, no deserto, na Argélia. E o que eu ia acrescentar era que existem informações provenientes da Legião Estrangeira acerca de uma explosão de bolas de fogo cor de laranja expelida pela lente ali existente. Mas esta ocorrência foi exactamente quatro minutos antes do ataque em Gloucestershire, portanto...»

«Há relação», disse Al. Mas arrependeu-se de imediato. Fora demasiado impulsivo.

«General, não pensei que...», começou Tom.

Mas o presidente interrompeu-o. «Concordo. Se as coisas que atacaram em Gloucestershire saíram da lente que se encontra na Argélia, só Deus sabe. Mas há obviamente uma relação qualquer entre tudo isto - os discos que temos andado a observar desde há cinquenta anos, os outros que atacaram aquelas pessoas, as lentes, e devo dizer que, na minha opinião, devemos contar com o pior.»

«Tudo o que vejo são problemas ingleses e franceses», disse Tom Samson. «A não ser que alguma dessas coisas se encontre em território japonês. Há lá alguma?»

«Não. Até agora, só os territórios inglês e francês é que estão implicados, e alguns países sul-americanos.»

«Então é melhor esperarmos», propôs Tom, num tom de voz mais elevado. «Talvez seja alguma espécie de arma secreta. Não temos nada a ver com isso. Supõe-se que o czar possua algumas, grandes. E ele quer apoderar-se de colónias africanas. Como o Egipto, é um facto, para chatear os turcos, entre outros.» O presidente virou-se para ele. «Tu estás aqui porquê, Tom? Por que raio achas que estás aqui? Algo de errado se passa. Algo de *muito* errado.» Apontou para o ecrã. «Isto vai espalhar-se, sabias?»

Tom mantinha-se firme. «Não temos quaisquer provas disso, senhor.»

«Vai espalhar-se!»

«Não é nenhum ataque aos Estados Unidos. E não existem provas de que um ataque esteja iminente.»

«Tom», replicou o presidente, «assim que regressares ao gabinete, diriges-te ao DEFCON 1[5] e emites o alarme de guerra a todas as autoridades do mundo.»

«Senhor, eu...»

«Estamos a ser atacados, seu idiota», disse o presidente. «A bandeira azul, branca e vermelha, raios te partam! Não são apenas um par de impérios e uns reinos das bananas. Nós!»

Tom endureceu. Nos seus olhos parecia brilhar, literalmente, uma raiva assassina.

Mas o presidente ainda não tinha acabado. «Cavalheiros, tenho uma formação militar, sei quando é que o inimigo anda a sondar as minhas defesas. Foi o que aconteceu com aquela pequena cidade mesmo no coração do império mais poderoso da terra. Bo, quero que estabeleças contacto com os ingleses, os franceses e informes todos os impérios